

**Debates:  
a crise  
econômica  
invade  
o plenário.**

Mesmo sem previsão de tempo para debates, o plenário da Constituinte foi ontem invadido pela crise econômica, com vários oradores ocupando os cinco minutos que lhes são destinados para protestar contra as

altas taxas de juros, advertir para os riscos de uma recessão, defender os agricultores e falar sobre importação de alimentos e dívida externa. Mas vários dos cerca de 40 oradores que passaram pela tribuna trataram também de temas constitucionais, inclusive alguns para cobrar definição da Mesa quanto aos poderes da Constituinte e outros para insistir em que é preciso espaço no rádio e televisão para a divulgação dos seus trabalhos.

O tom da sessão foi dado, logo no início, pelo deputado Del Bosco Amaral (PMDB-SP), para quem seu partido "comete terrível engano" ao deixar de convocar convenção para "analisar o desastre da política econômica". "Os juros absurdos — acrescentou —, o descaso para a agricultura, o péssimo desempenho de muitas estatais e o clima de desconfiança e até intriga entre ministros são fatos que autorizam supor que corremos o risco de fazer uma Constituição para entrar em vigor em pleno caos."

Messias Goiás (PFL-SE) foi direto em cima do PMDB: "Não podemos suportar o caos a que o PMDB, com sua equipe econômica, está levando o País. Hoje, o governo Sarney é odiado pela Nação. Já temos saudade de nosso colega Delfim Neto". Delfim Neto, agora deputado constituinte pelo PDS de São Paulo, não estava em plenário. Mas deve ter ouvido pelo alto falante do seu gabinete, porque, pouco depois, entrou, sorridente, no recinto da sessão.

Edivaldo Motta (PMDB-PB), Oswaldo Almeida (PL-RJ), Ivo Vanderlinde (PMDB-SC), Jonas Pinheiro (PFL-MT), José Tavares (PMDB-PR) e Joaquim Bevilacqua (PTB-SP) falaram, a seguir, sobre a falta de financiamento para a agricultura e a pecuária, problemas dos plantadores de cana e sobre a alta taxa de juros.

Carlos Alberto Caó (PDT-RJ) criticou o "engodo de se pretender estancar inflação por decreto" e encaminhou requerimento de informações ao presidente Sarney para saber como está a questão da dívida externa. Edmilson Valentim (PC do B) criticou o "descongelamento" de preços. Augusto Carvalho (PCB-DF) disse que o Plano Cruzado II foi "um golpe contra os assalariados". Não faltou até um "conselho" de Domingos Leonelli (PMDB-BA) ao presidente Sarney: que se preocupe menos com os poderes da Constituinte e mais com os problemas econômicos do País.

No final, em nome da liderança do PMDB, o deputado Maurílio Ferreira Lima (PE) também disse que, "se continuar essa ciranda financeira, com as altas taxas de juros, vamos cair mesmo numa recessão e a crise econômica poderá juntar-se à crise política". A deputada Raquel Cândido (PFL-RO) pouco antes, da tribuna, acusara o PMDB de ter tirado proveito eleitoral do Plano Cruzado e agora estar rejeitando o Cruzado II.

A sessão começou com 15 minutos de atraso — para que se completasse o número mínimo de 94 constituintes em plenário —, mas foi concorrida. Quase metade do plenário manteve-se ocupado durante as três horas e meia de sessão, embora os discursos em geral não apresentassem maior interesse.